

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCADORES DE INFÂNCIA MARIA ULRICH
2014/2015

Relatório Final

Introdução de regras de comportamento no Jardim de Infância: Dificuldades e Estratégias

Maria Gomes Teixeira Guerra Rodrigues

Relatório Final elaborado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar

Orientador: Professor Doutor António Montiel

Lisboa, maio de 2015

Agradecimentos

Agradeço à minha família todo o apoio e incentivo que me deram ao longo de todo o meu percurso académico, especialmente durante os meses em que estive a escrever este relatório.

Um obrigado especial a todas as minhas colegas de curso que me acompanharam durante esta caminhada, assim como a todos os professores com que me cruzei, especialmente ao professor orientador António Montiel.

O meu muito obrigado,

Maria Rodrigues

Resumo

O presente relatório tem como objetivo expor o estudo de todas as etapas importantes da Prática de Ensino Supervisionada no Mestrado em Educação Pré-escolar que se focou, especialmente, em aprofundar a problemática que emergiu no estágio: as dificuldades para introduzir regras de comportamento na gestão de uma sala de pré-escolar.

Optei por delimitar este objeto de estudo sujeitando-me à busca de resposta para duas questões: quais são os fatores que explicam a dificuldade para introduzir regras de comportamento no jardim-de-infância e quais são as estratégias recomendadas para superar essas dificuldades.

A resposta a estas duas questões mereceu duas abordagens diferentes. Uma primeira abordagem foi de referencial teórico, que é recolhida no primeiro capítulo; a segunda procurou projetar as aprendizagens teóricas sobre quanto foi observado e praticado no próprio estágio, o que aparece recolhido no segundo e, especialmente, no terceiro capítulos.

A consulta de bibliografia foi orientada pela hipótese de considerar que a dificuldade para introduzir regras de comportamento no jardim-de-infância pudesse estar associada à falta de regras que as crianças pudessem trazer do próprio ambiente familiar, talvez porque um frágil entendimento do que seja a disciplina pudesse sugerir que a imposição de regras estivesse em conflito com a proximidade e o afeto próprios de relação familiar. Opostamente, como se expõe no capítulo primeiro, a leitura realizada permitiu compreender justamente o contrário.

Foi certamente importante este estudo na medida em que li muito sobre a implementação de regras no Jardim de Infância para encontrar e definir as estratégias mais adequadas aos diferentes grupos de crianças.

Palavras-chave: regras de comportamento; Jardim de Infância; disciplina

Abstract

The purpose of this report was to expose the study of the main stages of Supervised Teaching Practice in Preschool Education Master that focus especially on probe the problems that emerged on stage: the difficulties to introduce rules of behavior in a preschool room.

I chose to define this subject to reply to two questions: which are the factors that explain the difficulty to introduce rules of behavior and which are the best strategies to overcome these difficulties.

The answer to these two questions deserved two different approaches. A first approach was theoretical framework, which is collected in the first chapter; the second was used to design the theoretical learning about how much was observed and practiced in the stage itself, which appears collected in the second and especially the third chapters.

The bibliography research was guided by the assumption that the difficulty to introduce rules of behavior in the garden, could be associated with the lack of rules that children bring from the own familiar environment, perhaps because a weak understanding of the discipline could suggest that the imposition of rules were in conflict with the closeness and affection of the own family relationship. Conversely, as explained in the first chapter, this study concluded otherwise.

It was certainly important to perform this study because i had to read a lot about rules implementation in kindergarten to find and define the most appropriate strategies to different groups of children.

Key words: rules of behavior; kindergarten; discipline

Índice

Introdução.....	p.1
Capítulo I.....	p.5
1.1. Problemas de Comportamento.....	p.5
1.1.1. Disciplina e Limites.....	p.5
1.1.2. Regras de Comportamento.....	p.7
1.2. Importância das regras no Jardim de Infância.....	p.8
1.2.1. Indisciplina na sala de aula.....	p.8
1.2.2. Ambiente educativo.....	p.9
1.2.3. Gestão de sala de aula.....	p.10
1.3. Implementação das regras no Jardim de Infância: Dificuldades e Estratégias.....	p.11
1.3.1. Dificuldades.....	p.12
1.3.2. Estratégias.....	p.13
1.4. Opções Metodológicas.....	p.14
1.4.1. Descrição de atividades.....	p.14
1.4.2. Diários.....	p.15
Capítulo II.....	p.17
2.1. Instituição.....	p.17
2.1.1. Fundação.....	p.17
2.1.2. Evolução Histórica.....	p.17
2.1.3. Localização e dimensão atual.....	p.18
2.1.4. Objetivos desde a fundação à atualidade.....	p.18
2.2. Projeto Educativo.....	p.19
2.3. Caracterização do grupo.....	p.20

Capítulo III	p.25
3.1. Concurso de rimas.....	p.25
3.2. Letras para expor na sala.....	p.30
3.3. Bolo de Iogurte.....	p.35
Capítulo IV	p.39
Bibliografia	p.45

Introdução

Quando optei por ser Educadora a minha maior motivação era o gosto e fascínio pelas crianças e uma enorme vontade de fazer parte da sua formação enquanto seres humanos e poder contribuir para o seu crescimento e desenvolvimento saudável, com bons valores, personalidade e capacidade para serem parte da sociedade.

Quando escolhemos o caminho que queremos seguir e o que queremos ser, acima de tudo acho importante termos consciência se somos capazes de cumprir os nossos objetivos e fazer valer as nossas escolhas.

Acredito que cada criança é um ser único, em constante desenvolvimento, a construir o que será futuramente, a moldar a sua personalidade dia após dia, a mudar e a fazer escolhas, como todos fazemos todos os dias.

O presente relatório tem como objetivo expor todas as etapas importantes da Prática de Ensino Supervisionada em Jardim de Infância que, para mim, foi indispensável para progredir neste meu percurso enquanto Educadora de Infância e concluir o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

O estágio é um tempo privilegiado para observar, planear, reformular, avaliar, e acima de tudo agir e pôr em prática tudo aquilo que nos é transmitido na parte mais teórica do curso. É tempo de promover o nosso desenvolvimento enquanto pessoa e futuro profissional.

Este estágio decorreu numa instituição privada, em duas fases distintas: a primeira fase teve início no dia 6 de Janeiro até ao dia 14 de Fevereiro de 2014 e a segunda no dia 22 de abril até 16 de maio. Foi um estágio em valência de Jardim de Infância, com crianças do pré-escolar entre os 5 e 6 anos.

Trata-se de um grupo de 25 crianças de 5 e 6 anos que iam transitar para o 1º ciclo e que a maior parte das vezes não tinham regras impostas no seu dia-a-dia, tanto na sala como no exterior. Era um grupo que estava em constante desafio perante os limites estabelecidos

pela educadora da sala, restantes professores e também auxiliares. Muitas vezes era difícil perceberem o que estava certo e o que estava errado, o que fez com que tivesse algumas dificuldades em gerir comportamentos dentro e fora da sala. A falta de motivação e de interesse foi também um fator que influenciou a implementação e desenvolvimento de atividades com estas crianças.

A consciência social, o facto de não sermos todos iguais, a necessidade de lhes ensinar os direitos e os deveres para que um dia possam agir em conformidade, com responsabilidade e com princípios foi o meu principal desafio durante este estágio em pré-escolar.

De acordo com tudo isto a que me propus e ao que me foi proposto, os meus objetivos mudaram consoante o campo de estágio e o conhecimento aprofundado das crianças da minha sala.

O contacto com a realidade deste grupo de crianças, em contexto de Jardim de Infância, evidenciou a dificuldade de promover e conduzir atividades e gerir comportamentos.

Esta constatação foi motivo para orientar este Relatório Final no sentido de compreender as causas que explicam os comportamentos desajustados nos alunos e de tentar identificar as estratégias mais adequadas para as combater.

Considerando as regras de comportamento como estratégia de gestão das crianças no Jardim de Infância, julguei poder centrar o meu estudo na “Introdução/implementação de regras no Jardim de Infância: Dificuldades e Estratégias”.

Este relatório tem uma estrutura simples, que tem início na presente introdução, seguindo-se um capítulo teórico metodológico em que exploro o tema e desenvolvo ideias relevantes e importantes que me possam ajudar a resolver as dificuldades que encontrei ao longo deste estágio. Para o efeito, dediquei-me à busca de referencial teórico que enriquecesse os meus conhecimentos sobre as regras de comportamento, a sua função no

desenvolvimento social das crianças e a sua implementação no ambiente de sala do Jardim de Infância.

O capítulo II dedica-se à caracterização da instituição onde decorreu o estágio bem como o ambiente pedagógico que nela encontrei. Destaco também alguns valores que se pretendem que um aluno desta instituição adquira ao longo do seu percurso académico, bem como um pouco da sua história e legado. Incluo neste capítulo a referência às práticas observadas em relação ao tema de estudo escolhido.

Num terceiro momento, procurarei refletir sobre as dificuldades e estratégias implementadas no tempo de estágio, nomeadamente todas as relacionadas com a introdução de regras. Este capítulo vai interligar as atividades que me propus fazer com as crianças, com as respetivas avaliações e descrições do capítulo primeiro.

Por fim dou lugar ao capítulo IV das considerações finais onde faço um balanço de tudo o que aprendi e do que foi relevante para a minha prática profissional.

Concluo assim quanto é importante desenvolver e aprofundar este tema para adaptar melhor a minha postura e resolver certos problemas que possam surgir daqui para a frente.

Capítulo I

Como foi anunciado no capítulo introdutório, a minha especial preocupação neste trabalho é compreender as Dificuldades e as Estratégias para a Introdução de Regras de Comportamento no Jardim de Infância.

A fundamentação da opção por este objeto de estudo reside na constatação de como era difícil realizar atividades com este grupo de crianças que mostrava resistência à aceitação de regras de comportamento.

Assim sendo, o problema suscitado resume-se a duas questões: quais são os fatores que explicam a dificuldade para introduzir regras no jardim-de-infância e quais são as estratégias recomendadas para superar as dificuldades.

Um primeiro momento do presente capítulo dedica-se a encontrar na literatura respostas às duas questões enumeradas.

Um segundo momento será dedicado a expor as opções metodológicas que permitiram atender este objeto do nosso estudo durante o estágio.

1.1 Problemas de Comportamento

1.1.1. Disciplina e Limites

O conceito de disciplina varia consoante a sociedade em que vivemos e os valores que nela são incutidos. Brazelton e Sparrow (2010) dizem que são as diferentes culturas que constroem a nossa sociedade e são os seus valores e a sua tradição que ditam as normas disciplinadoras para os indivíduos. Essa missão social é assumida pelos educadores que deve preocupar-se em adaptar e equilibrar a disciplina às crianças que lhes são confiadas para que sejam justas e integrem na construção do seu ser.

Esse mesmo pensamento, encontramos em Papaia, Olds e Feldman (2001, p.368), quando definem a disciplina como “instrumento de socialização, que inclui métodos de

modelagem do caráter da criança e de ensino do exercício de auto-controlo e da apresentação de comportamentos adequados”.

A modelagem do caráter da criança é feita a partir do seu desenvolvimento moral e a disciplina é uma maneira de orientar este desenvolvimento (Brazelton e Sparrow, 2010).

Para estes autores, a disciplina é pois sinónimo de aprendizagem, especialmente na primeira fase da vida de uma criança. Por sua vez, Brazelton e Greenspan (2009, p.189) afirmam que “quando a disciplina é estabelecida como uma aprendizagem e é reforçada com muita empatia e carinho, as crianças sentem-se bem por seguir regras”. Brazelton e Sparrow (2010) afirmam que é na disciplina que as crianças encontram segurança e modelam as suas atitudes, percebendo as necessidades das outras pessoas e não só as suas; percebendo que têm que tratar os outros da mesma forma que querem ser tratadas. Assim aprendem a se auto disciplinar: “o objetivo de longo prazo da disciplina é promover o autocontrolo, para que a criança seja capaz de estabelecer os seus próprios limites” e por isso a finalidade da disciplina é a auto-disciplina. (Brazelton e Sparrow, 20010 p.13).

Estes autores referem também que para uma criança encontrar limites na sua vida e se sentir segura, deve-lhe ser incutida desde bebé, de modo que os pais têm um papel fundamental mas também os outros educadores que vivem no dia-a-dia da criança: a “necessidade de estabelecer limites, de organizar e orientar a vida de uma criança” (p.188). Brazelton e Sparrow (2010) afirmam também que “controlar a criança é importante, mas não é suficiente: objetivo é ensiná-la a controlar-se a si própria. Estabelecer limites ao nível do comportamento, aprender a controlar desejos e impulsos, é uma tarefa para toda a vida” (p.53). Limites esses que têm de ser “firmes e consistentes”, afirmam estes autores (p.53).

Estes limites, tudo têm a ver com a disciplina pois, segundo Urra (2010, p.106) “educar na comodidade, na indolência, na falta de disciplina desemboca em desastre. Se a criança não recebe disciplina em casa e na escola, acaba por se impor a toda a gente.”

De acordo com Brazelton e Sparrow (2010, p.217), as crianças interpretam “o que é ou não tolerado” quando estes limites são impostos na sua vida.

Estes autores afirmam que a disciplina tem a ver com o amor e não com a correção dos seus atos e exige persistência na transmissão dos valores por parte de quem educa. Estes valores começam a ser transmitidos mal o bebé nasce e se vai desenvolvendo a nível social, ao criar as suas primeiras relações.

Tendo em conta o desenvolvimento psicossocial das crianças, Tavares e outros (2007, p.49) afirmam: “as crianças nascem e desenvolvem-se num ambiente rico em expectativas, regras, atitudes, crenças, valores e modos de realizar diferentes tarefas. Uma herança cultural com sistema de valores e normas estabelecidas para o comportamento social são fatores promotores do enriquecimento do ambiente que envolve a criança.”

1.1.2. Regras de Comportamento

Se não houvesse regras ou leis impostas, como poderíamos definir a bondade ou maldade dos nossos atos? É impossível viver em sociedade sem regras que regulem os comportamentos sociais das pessoas. Se não existissem regras, tudo era aceitável e permitido. Segundo Brazelton: “As regras, tal como as maneiras, definem o comportamento que os outros esperam de nós.” (2010, p.367).

Todas as sociedades têm regras diferentes e são elas que as regulam, por isso “não podemos escapar às regras e às boas maneiras, mas podemos decidir quais é que têm importância e quais é que não têm” para determinar o que está certo e o que está errado. (Brazelton, 2010, p.367) Apesar de sermos nós a optar pelo que nos convém, não temos liberdade absoluta para isso. Se tudo fosse permitido ao Homem, seria uma sociedade sem regras, e por isso mesmo não existiria liberdade de escolha dos seus atos.

Segundo Sunal (2010), “a sociedade exige às crianças comportamentos adequados, que incluem o exercício de autocontrole, o esforço no sentido de uma conduta exemplar, o sentimento de culpa em caso de transgressão e a auto-recompensa.” (2010, p.393). O mesmo autor refere ainda que “as interações sociais requerem muitas vezes que as crianças considerem as suas noções do bem e do mal, controlem o seu comportamento e decidam se devem conformar-se com padrões socialmente aceites.” (p.393).

Cabe pois à sociedade, transmitir da melhor maneira estas regras e boas maneiras às crianças para que possam integrá-las adequadamente na mesma. Tavares e outros (2007) afirmam que a criança aprende regras e normas sociais, significados culturais da sociedade em que se integra e desenvolve o seu autoconceito e que poderão persistir ao longo da sua vida”. (p.55). Segundo Brazelton (2010):

“As boas maneiras representam os nossos valores, os nossos estilos sociais. Ao longo da vida precisamos delas para entrarmos num grupo e nos enquadrarmos nele. Elas refletem a nossa estrutura social, o sustentáculo de qualquer situação social. Indicam o nosso respeito pelas outras pessoas e são essenciais para ganharmos a sua aceitação”. (p.367)

1.2. Importância das regras no Jardim de Infância

1.2.1. Indisciplina na sala de aula

Segundo Silva e outros (2000, p.15), “o conceito de “disciplina” tem uma origem predominantemente pedagógica. (...) A indisciplina na sala de aula diz respeito às atitudes e comportamentos que ocorrem na mesma e que impedem ou dificultam a aprendizagem.”

Carita e Fernandes (2002) afirmam que quando se fala “em indisciplina na sala de aula estamos antes de mais a falar de alguma coisa de particularmente perturbador para a generalidade dos professores” (p.15).

É neste contexto que se entendem as regras de comportamento como soluções estratégicas e necessárias para o bom funcionamento de uma sala de jardim-de-infância, de modo a ser criado um ambiente educativo favorável à aprendizagem das crianças.

Uma sala de jardim de infância de pré-escolar, é uma sala de preparação para o ensino básico e neste contexto as crianças devem participar e aprender a respeitar as diferentes culturas, integrando esta vivência que integra este processo de aprendizagem.

Segundo as Orientações Curriculares (1997), embora não se pretenda que a educação pré-escolar se organize em função da passagem para o ensino básico, é importante que se comecem a criar à volta da criança as condições para abordar com sucesso a etapa seguinte.

É então importante falar também de gestão de sala de aula na medida em que é a etapa que se seguir na vida destas crianças.

Segundo Lopes (2002) “uma sala de aula, enquanto local densamente povoado, dificilmente sobreviverá sem um conjunto de regras e procedimentos, explícitos e implícitos, que governem as relações entre os indivíduos”. (p.151)

“A não existência dessas regras origina situações de grande ambiguidade em que alunos e professores, não dominando o terreno, tendem, os primeiros a experimentar quais são os limites do permitido e os segundos a adotarem atitudes dispersas, um pouco ao sabor das circunstâncias e das idiossincrasias de cada um.” (Carita e Fernandes, 1997, p.78)

1.2.2. Ambiente educativo

De acordo com as Orientações Curriculares (1997) é no contexto da instituição de educação pré-escolar que se deve organizar este ambiente facilitador do desenvolvimento e das aprendizagens das crianças. Para que isto seja possível, é preciso organizar os vários intervenientes da ação educativa entre crianças, entre crianças e adultos e entre adultos. Estas relações não chegam, pois a gestão de recursos e de materiais também implica a prospeção para melhorar tal ambiente.

Segundo Arends (1995):

“Um ambiente de aprendizagem produtivo é caracterizado por: um clima geral em que os alunos têm sentimentos positivos sobre si, os colegas e a turma enquanto grupo; estruturas e processos em que as necessidades dos alunos são satisfeitas e onde os alunos persistem nas tarefas escolares e trabalham de modo cooperativo com o professor e outros alunos; e um contexto em que os alunos adquiriram as competências de grupo e interpessoais necessárias à realização das exigências escolares e grupais de turma.” (p. 110)

1.2.3. Gestão da Sala de Aula

O modo como o educador ou professor forma e cria um ambiente educativo na sua sala de aula, responde à designação de “gestão de sala de aula”.

É principalmente a gestão da sala de aula e a disciplina que são mencionados com maior frequência quando os professores abordam os seus primeiros anos de ensino. É sem dúvida um dos seus maiores desafios. (Arends, 1995). Para clarificar este conceito, considero a definição proposta por Bophy (1996, citado por Marzano, 2005) e Lopes (2002):

- Bophy:

“Ações concretizadas com o intuito de criar e sustentar um ambiente de aprendizagem, conducente a uma educação bem sucedida (organizar o ambiente físico da sala de aula, determinar regras e procedimentos, garantir a atenção às aulas e o envolvimento em atividades académicas) ”. (p.85)

- Lopes:

“Gerir um grupo não é tarefa simples, especialmente quando os indivíduos que constituem esse grupo têm que cumprir tarefas que implicam concentração, esforço e empenhamento continuados e, ainda, em certa medida, cooperar com quem os gere. Gerir uma sala de aula é, por estas e por outras razões, particularmente difícil.” (p. 107)

1.3. Implementação das regras no Jardim de Infância: Dificuldades e Estratégias

Como já foi referido, dificilmente se consegue uma boa gestão de um grupo de alunos em contexto de Jardim de Infância sem um conjunto de normas ou regras que sejam capazes de orientar as crianças.

Segundo Arends (1995) “nas salas de aula, assim como na maior parte dos contextos que integram grupos de pessoas, uma larga percentagem de problemas potenciais e de perturbações pode ser prevenida através da planificação antecipada de regras e de procedimentos.” (p.191)

O mesmo autor (1995) explica que a maior parte das vezes as regras são escritas e expostas para se tornarem mais claras para as crianças e os procedimentos, por outro lado, são as maneiras de tornar estas regras possíveis, raramente estão escritos e os educadores e professores gastam bastante tempo a ensiná-los.

A implementação destas regras e procedimentos é um processo que exige algum esforço por parte dos professores. O importante não é a quantidade de regras mas sim o seu valor e compreensão por parte do grupo de crianças. Segundo Arends (1995), “os gestores eficazes da sala de aula geralmente estabelecem apenas poucas regras e procedimentos, ensinam-nos cuidadosamente aos alunos e tornam-nos rotineiros através do seu uso consistente.” É então importante transmitir o propósito de “cada regra e a sua fundamentação moral ou prática”. (p.193)

Segundo Evertson, Emmer, Clements, Stanford & Worsham (1984, citado por Marzano, 2005):

“As regras e procedimentos variam consoante as salas de aula, contudo não é possível encontrar uma sala de aula eficientemente gerida que, sem eles, consiga operar. Simplesmente, um professor não é capaz de ensinar as crianças a trabalharem produtivamente, na ausência de diretrizes relativas à maneira

como se devem comportar, movimentar e sentar na sala, ou se o interrompem frequentemente e fazem o barulho que lhes apetece.” (p.85)

As regras vão sendo interiorizadas e tornam-se cada vez mais implícitas à medida que as crianças crescem, por isso é que é importante transmiti-las o mais cedo possível. Quando percebemos que a regra está interiorizada, o objetivo passa então a ser o seu cumprimento. (Lopes, 2002).

1.3.1. Dificuldades

Segundo Arends (1995), “construir contextos de aprendizagem produtivos (...) é um processo difícil e complexo para a maior parte dos professores.” (p.121) É na construção destes contextos que surgem as dificuldades.

Há comportamentos que são comuns à maior parte das aulas com perturbações no que diz respeito às atitudes das crianças. Os mais frequentes são: o “chegar tarde” e consequentemente interromper as atividades que já estão a decorrer, que algumas vezes faz com que a criança não participe como deveria nas atividades propostas; a “desatenção”, que faz com que se tenha que repetir vezes sem conta o pretendido e assim atrasar o planeamento das tarefas; o “falar para o lado” principalmente nas alturas em que o professor ou educador estão a falar; e ainda as “formas menores de agressão física e verbal” que por vezes surge entre as crianças em alguns conflitos dentro da sala de aula. (Brophy, 1996, citado por Lopes, 2002).

Gerir todas estas situações torna-se por vezes muito difícil para um educador, principalmente quando tem turmas grandes e está sozinho na sala.

Segundo Doyle, 1986; Emer et al. 1980; Everttson & Emer, 1982, citado por Lopes (2002), “os professores que gerem bem as suas aulas seja por intuição, por aprendizagem ou pela experiência (ou por tudo isto junto) alcançam a ordem através de um eficaz

estabelecimento das atividades, da antecipação dos potenciais maus comportamentos e de intervenções extremamente precoces sobre eles.” (p.166)

1.3.2. Estratégias

Tendo em conta as dificuldades sentidas pelos professores e educadores na implementação de regras nos ambientes educativos é importante delinear estratégias que facilitem e tornem produtivo o trabalho dos educadores e as aprendizagens das crianças.

Neste ponto é bastante sugestiva a leitura de Vale (2008). Podemos dividir as estratégias em três grupos: estratégias positivas, estratégias inapropriadas e estratégias com os pais.

As positivas são talvez as mais utilizadas englobando várias estratégias e dividem-se em três tipos: estratégias pró-ativas, de recompensa, e de limites. Estratégias pró-ativas são todas aquelas que resolvem os problemas e os conflitos emocionais das crianças e ajudam-nas a controlar as suas emoções e sentimentos. As estratégias de recompensa têm a ver com a motivação das crianças, valorizando as suas boas ações e comportamentos. E por fim, as estratégias de limites, que são as menos utilizadas, ajudam a criança a atingir um controlo interno dos seus impulsos, sabendo ou não o que lhe é permitido.

O segundo grande grupo são as estratégias inapropriadas. Como o próprio nome indica, são aquelas que não se devem usar mas que se usam mais vezes do que se pensa. Por vezes comenta-se o comportamento inapropriado de uma criança em voz alta ou aponta-se uma criança por algum motivo negativo e alguns professores e educadores utilizam isso como estratégia de comportamento.

Por fim, temos o grupo das estratégias com os pais que promovem o envolvimento destes no percurso que as crianças fazem na escola.

1.4. Opções Metodológicas

Para a compreensão das dificuldades e estratégias de implementação de regras observadas no jardim de infância onde ocorreu o meu estágio utilizei a observação não estruturada que, segundo Afonso (2005) consiste “em diversos tipos de textos que constituem o conjunto de registos de observação.” (p.93)

Servi-me então dos seguintes instrumentos de observação.

1.4.1. Descrição de atividades

Durante este estágio, implementei uma série de atividades que, em conversa com a educadora, achei serem apropriadas para este grupo de crianças, tendo em conta as suas características, interesses e principalmente que estivesse incluído no plano anual da sala. De todas as atividades que realizei, optei por escolher três, que identificassem alguns dos problemas que tive em realizar atividades com este grupo de crianças, implementando algumas estratégias ou reconhecendo o que pode ser melhorado no futuro consoante o presente estudo. As atividades que escolhi, foram realizadas sempre por mim, independentemente da presença da educadora da sala.

Segundo as Orientações Curriculares (1997) é objetivo de um educador “concretizar na ação as suas intenções educativas, adaptando-as às propostas das crianças e tirando partido das situações imprevistas.” (p.27)

Depois de a ação ser concretizada, é importante tomar consciência dela e avaliá-la, descrevendo-a. De acordo com as Orientações Curriculares (1997) “a avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, construindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-se estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança.” (p.27)

Foi com base nas descrições e avaliações que fiz depois de cada atividade que me baseei na escolha deste tema. É nelas que identifico as dificuldades sentidas na introdução de conteúdos das atividades realizadas com estas crianças de pré escolar.

1.4.2. Diários

Os diários constituem também um elemento de observação e reflexão. Segundo Afonso (2005) o diário de campo “constitui num relato quotidiano da atividade do investigador, geralmente com um carácter reflexivo e prospetivo, no que diz respeito ao enquadramento teórico e à condução da estratégia da investigação.” (p.93)

Estes diários contêm descrições de situações vividas ao longo do estágio que embora não tenha relatado todos os dias, escrevi aquilo que eu achava que fugia à rotina e era relevante para as minhas conclusões.

Capítulo II

O presente capítulo dedica-se, em primeiro momento a descrever a instituição onde decorreu o estágio para, num segundo momento, sintetizar as práticas que foram observadas na instituição que demonstram as Dificuldades e Estratégias da Introdução de Regras no Jardim de Infância, que constitui o nosso objeto de estudo.

2.1 Instituição

Este estágio realizou-se numa instituição privada situada em Lisboa que se assume na condição de espaço/quinta, tendo em conta a sua dimensão e o meio envolvente.

2.1.1 Fundação

A instituição foi criada em Lisboa no ano de 1898, por uma professora que fundou uma pequena escola primária. Mais tarde casou com um professor e então a escola primária foi alargada ao liceu para a preparação dos alunos individualmente.

2.1.2 Evolução Histórica

Começou por ser uma escola primária, mas com o crescente número de alunos alargou-se ao liceu. Depois de se alargar ao liceu, e do número de alunos não parar de crescer, a instituição mudou-se para Benfica, para umas novas instalações que comportassem os cursos regulares, primário e secundário. Em 1919 voltou a mudar de instalações, mantendo-se nestas até 1931, agora já com o nome definitivo da escola.

Em 1959, finalmente o colégio fixa-se na sua localização atual, onde fica a funcionar permanentemente com um total de 500 alunos. No final dos anos 60, depois de se ter modernizado e de se ter expandido, o colégio contava com novos pavilhões para a infantil, o

liceu, o internato e o ginásio. No final da década de 70 a colónia de férias e o internato viram o seu término dada uma nova conjuntura social económica e política que se vivenciava em Portugal.

2.1.3 Localização e dimensão atual

Esta instituição localiza-se perto de Chelas, em Lisboa, numa quinta que deve ter sido construída há mais ou menos 250 anos.

Integra as valências de Jardim de Infância, 1º Ciclo, 2º Ciclo, 3º Ciclo e Ensino Secundário, em diferentes instalações do colégio e suporta atualmente mais ou menos mil e quatrocentos alunos, 50% no ensino infantil e primário.

2.1.4 Objetivos desde a fundação à atualidade

Esta instituição foi fundada com o propósito de não limitar a educação ao ensino mas sim complementá-lo pelos conhecimentos da vida nos em vários aspetos. Manteve-se sempre nesta família, passando de geração em geração tentando sempre progredir com o projeto de uma educação humanista e cariz laico aberto a todas as convicções políticas e credos religiosos.

Os principais objetivos do colégio centram-se numa Educação para os Valores, Educação Ambiental, Educação para a Saúde e Qualidade de Vida e Educação Artística.

Identificando-se com uma escola laica de formação humanista, fomenta-se nesta instituição um processo educativo que valoriza o respeito pela identidade individual e o reconhecimento e aceitação das diferenças que o caracteriza.

São os Pais que, por serem os primeiros e principais responsáveis pela educação dos seus filhos, têm o direito de escolher o tipo de educação que julgam mais de acordo com a

sua orientação educativa familiar. Os Professores, têm o direito de realizar a sua função docente integrados no contexto educativo do colégio.

Segundo o Projeto Educativo explícito no site da instituição, esta tem uma dimensão académica que, desde o Jardim de Infância, privilegia dois domínios essenciais que são eles: o do desenvolvimento psicomotor e sensorial e o desenvolvimento de capacidades intelectuais.

2.2 Projeto Educativo

É também possível delinear um perfil de alunos desta instituição a partir dos valores e princípios que orientam o Projeto Educativo.

A instituição pretende criar alunos conscientes da realidade, com valores e princípios que não deixa de realçar todos os dias. É objetivo principal desta instituição proporcionar aos alunos um crescimento harmonioso. Pretende-se que as crianças cresçam com sentido de responsabilidade e respeito perante a sociedade de contrastes em que vivem para que facilmente se adaptem a novas situações com alguma flexibilidade. É objetivo do colégio criar alunos criativos, que tenham iniciativa própria e sejam autónomos na resolução dos seus problemas e dificuldades. Segundo o site da instituição “A criatividade é, essencialmente, a capacidade de responder, de forma inovadora, a estímulos diferenciados que vão das áreas artísticas e culturais, às áreas científicas e de comunicação. A criatividade resulta da promoção de uma expressão não condicionada e da possibilidade de, livremente, levantar hipóteses e apresentar soluções.” O espírito de grupo é fomentado desde o jardim de infância para que as crianças desenvolvam um olhar crítico mas tolerante compreendendo o sentido ético na sua vida quotidiana em termos de valores individuais e coletivos. No fundo, pretende-se que estes alunos sejam promotores da cultura e dos direitos humanos, valorizando as aprendizagens ao longo da vida. Estas aprendizagens são baseadas no objetivo

do “aprender a aprender”, isto é, refletir sobre todo o processo através do contacto com todo o tipo de experiências, a partir da “observação direta, da manipulação de objetos e instrumentos, de contato com pessoas, instituições e manifestações de carácter diversificado, que contemplam as várias áreas da atividade humana e conduzem à reflexão sobre os valores.”

Outros dados de caracterização que considero relevante é o facto da importância que é dada às atividades extracurriculares existentes no colégio. A existência destas atividades permite que as crianças não só aprendam conhecimentos dentro de aulas mas também no período extracurricular possam desenvolver competências em várias vertentes tais como o desporto, a arte e a cultura.

Tendo em conta o bom ambiente educativo que se faz sentir nesta instituição, faço agora uma caracterização do grupo com quem vivenciei neste estágio.

2.3 Caracterização do grupo

Na sala onde estive a estagiar existem 24 crianças, 7 raparigas e 17 rapazes. A maioria das crianças desta sala tem 5 anos, sendo que algumas delas começaram a fazer os 6 anos em Janeiro.

Este é um grupo homogéneo em relação às idades, mas bastante heterogéneo no que diz respeito ao comportamento das crianças em diversas situações que pude observar no dia-a-dia. A criança mais velha fez 6 anos em Janeiro e a mais nova fez 5 anos em Novembro, o que faz toda a diferença na maturidade e predisposição para aprender. Há crianças que se encontram mais desenvolvidas cognitivamente na medida em que estão dentro dos objetivos esperados nesta faixa etária e correspondem corretamente às expectativas da educadora. Estas crianças não levantam qualquer problema na resolução das atividades propostas, visto que demonstram quase sempre bastante interesse no que é proposto.

Por outro lado, também pude observar que há algumas crianças pouco maduras para esta idade, que estão abaixo das expectativas e que não atingem muitas vezes os objetivos das atividades, muitas vezes por falta de interesse ou motivação. Visto que entram na transição entre a infância e a idade escolar o equilíbrio entre a responsabilidade e a brincadeira é, talvez, o aspeto crucial deste ano que deve ser incutido nas crianças.

A diferença que há entre as crianças do sexo masculino e o sexo feminino é relevante na medida em que as raparigas desta sala são muito mais desenvolvidas em todos os aspetos que os rapazes. As raparigas são mais interessadas e cooperam mais na dinâmica da sala enquanto os rapazes não conseguem levar a sério certas atividades.

Pude observar que as crianças são todas bastante diferentes umas das outras, com personalidades e características muito especiais, e esta é a principal razão da heterogeneidade do grupo.

De um modo geral, verifico que são crianças muito ativas, sempre à procura de algo que as faça estar em movimento, o que por vezes dificulta para quem está a tentar trabalhar com elas, pois são trabalhos ou atividades que exigem um pouco de mais atenção e concentração da parte delas.

Em relação às regras, este é um grupo que está em constante desafio perante os seus limites e imposições o que faz com que se torne complicado a gestão de alguns conflitos que surgem. É então bastante complicado orientar certas situações como a realização de atividades e até mesmo na dinâmica da sala e das rotinas.

Segundo Brazelton e Sparrow (2010):

“Ceder ao impulso de transgredir traz consigo um conjunto difícil de sentimentos de culpa. O apoio dos pais, sob a forma de limites firmes, ajuda a criança a encarar a realidade e a aprender a lidar com os seus impulsos. Saber o que é e o que não é tolerado torna-se fonte de segurança para a criança.” (p.217)

Nota-se que muitas vezes algumas crianças em casa e no âmbito familiar têm poucas regras. Regras essas que devem contribuir para o seu desenvolvimento e crescimento

saudável no que diz respeito à forma como se comportam e relacionam com os outros. Segundo Brazelton e Sparrow (2010), “aos cinco anos, uma criança torna-se consciente do efeito das suas ações não apenas sobre a reação das outras pessoas, mas também sobre os seus sentimentos. Esta é a origem da responsabilidade e um pré requisito para a consciência.” (p.211).

Na minha opinião, acho que devia ser atribuída mais responsabilidade e autonomia às ações de cada criança, para que perceba o que está certo e o que está errado nas diversas situações do dia-a-dia.

Estas crianças que têm mais dificuldade em cumprir regras, também demonstram muita dificuldade no auto controlo de algumas situações como por exemplo a resolução de conflitos entre crianças e autoestima fraca, o que faz com que muitas vezes se assista a alguma frustração. Como afirmam os pediatras Brazelton e Sparrow (2010, p.212.):

Descobrir que consegue influenciar os seus pares e professores através do seu comportamento altera a forma como ela se vê a si própria e aos outros. Quando uma criança tem uma auto-imagem suficientemente boa, segue-se a empatia. Aos cinco anos, a criança está a começar a saber o que o “eu” é, e isto está a modificar a sua posição no mundo. O processo é, ao mesmo tempo excitante e exigente.

Em relação à autoestima de algumas crianças, pode-se observar que está muitas vezes em baixo quando facilmente desiste ao deparar-se com alguns obstáculos ou adversidades. Há certas crianças que estão em constante preocupação no que diz respeito ao que os outros sentem por ela ou pelo que ela faz. Brazelton e Sparrow (2010) afirmam que:

A criança pode desenvolver um sentimento de autoestima e de autoconfiança ou pode formar uma fraca opinião de si própria e da sua capacidade para dominar tarefas estimulantes. Algumas crianças desenvolvem uma mistura: autoconfiança elevada em algumas áreas, fraca noutras. Um fraco sentimento de autoestima estabelece uma profecia que acaba por se cumprir. Uma criança de cinco anos que se sente insegura em relação a si própria e tem medo de fracassar irá quase de certeza abordar qualquer tarefa com apreensão. (p.219)

Nas brincadeiras que se podem observar deste grupo de crianças, verifica-se que são bastante saudáveis. “Brincar é uma tarefa das crianças. Através das brincadeiras, as crianças crescem, aprendem e curam.” (Brazelton e Sparrow, 2010, p.200). Estes autores afirmam ainda:

Aos cinco anos, as brincadeiras têm muitos objetivos. Proporciona uma forma de experimentar os pensamentos esperançosos, aprender acerca dos papéis desempenhados por cada um, aprender a controlar-se e a ser amigo de alguém. As brincadeiras são um escape para as novas pressões sobre as crianças de cinco anos para que cresçam, para que executem, para que se adaptem. As brincadeiras são uma oportunidade para a construção da autoestima, e uma forma segura de expressar sentimentos dolorosos ou confusos.” (Brazelton. e Sparrow, 2010, p.197).

Pude observar que os rapazes têm muitas vezes brincadeiras de lutas, a imitar várias personagens de filmes. Brazelton afirma que “a brincadeira física e violenta vai para além de regras não proferidas. A possibilidade de ir demasiado longe neste género de brincadeira está sempre presente. (...) Os rapazes de cinco anos podem precisar de ser agressivos nas suas brincadeiras, mas também necessitam de se sentir protegidos deles próprios.” (Brazelton e Sparrow, 2010, p.198).

No que diz respeito à autonomia, observei que as crianças são autónomas nas diversas situações do dia-a-dia, pois nas rotinas do dia como ir à casa de banho, comer às refeições, vestir e despir, são poucos os que precisam de ajuda. A comunicação no geral entre as crianças e até mesmo com os adultos é positiva, existindo por vezes alguns atritos entre as crianças que pedem ajuda aos adultos muitas vezes para os resolver.

Capítulo III

Este capítulo é dedicado a mostrar algumas das atividades realizadas em atenção aos objetivos pretendidos com este grupo de crianças em estágio e ao objeto de estudo escolhido. Em concreto, descreverei três atividades que revelam o modo como fui agindo na minha relação com as crianças no sentido de introduzir nelas o pretendido respeito pelas regras e comportamento.

3.1. Concurso de rimas

a. Planificação da atividade

• Finalidade Educativa/Objetivos

Defini vários objetivos específicos como finalidade educativa da atividade em diferentes áreas de conteúdo. Na área de conteúdo da formação pessoal e social pretende-se que as crianças adquiram alguns valores democráticos, aprendendo a esperar pela sua vez no jogo respeitando os colegas e as suas equipas, não desistir e lutar pelo seu objetivo.

Na área de expressão e comunicação pretende-se que usem a comunicação como meio de representação quando se expressam ao ver o jogo a ser desenvolvido no quadro. No que diz respeito ao domínio da linguagem oral e abordagem à escrita é importante fomentar o diálogo e com isto desenvolver a linguagem e a familiarização com o código escrito, bem como o interesse em comunicar quando é para participar. A exploração do caráter lúdico é importante na medida em que é um jogo mas não deixa de ser uma aprendizagem.

• Procedimento

No dia da semana em que planeio pôr em prática a atividade, as crianças desta sala costumam fazer exercícios de consciência fonológica e por isso vai-se realizar neste tempo da manhã. A atividade vai ter início depois de marcar as presenças e dar os bons dias às

crianças. Quando estiverem sentadas nas suas mesas como de costume para começar as atividades do dia, irei explicar o que vamos fazer.

Vou começar por fazer uma conversa sobre o que têm aprendido de rimas e depois explicar o concurso que vamos fazer. A turma vai estar separada por quatro equipas, que são as quatro mesas que há na sala e cada equipa terá uma cartolina no quadro com uma palavra. Cada cartolina vai ter uma palavra e o que se pretende é que as crianças descubram o máximo de palavras que rimem com a que lá está, para que eu possa ir escrevendo.

As palavras que cada cartolina vai ter são palavras fáceis: sol, pão, gato e pincel. Ganha a equipa que tiver mais palavras na sua cartolina.

Enquanto durar o concurso vou estar de frente para as crianças a escrever nas cartolinas as palavras que me vão dizendo.

• Recursos

Materiais: Cartolinas; Canetas de Feltro

Temporal: O tempo previsto para a realização desta atividade é de 45 minutos a uma hora.

Espacial: A atividade vai realizar-se na sala de aula.

• Antecipação

É indispensável, antes de dar início à atividade, definir algumas regras para que seja mais fácil de trabalhar com este grupo de crianças e uma das mais importantes é que só poderá falar uma criança de cada vez e com o dedo no ar quando quiser intervir. Algumas crianças vão ter dificuldade em encontrar palavras que rimem com a palavra da cartolina, pois tenho observado e nos exercícios que temos realizado sobre rimas, há crianças que ainda não têm consciência fonológica.

b. Descrição da atividade

A atividade correu como planeada. Conteí com a presença da psicóloga da instituição que normalmente trabalha a consciência fonológica em conjunto com a educadora da sala, e me ajudou a gerir certas situações.

Comecei por conversar com as crianças sobre o que temos vindo a trabalhar, ao que me responderam que era as palavras, mais especificamente rimas. Perguntei o que eram rimas e que exercícios tinham feito na última aula. Poucas crianças se lembravam que tínhamos estado a fazer rimas com os nomes de cada uma. Então expliquei que para o dia de hoje, tinha preparado um concurso de rimas, que as equipas eram os grupos das mesas e que cada grupo tinha uma palavra.

Defini regras como: “só posso escrever na cartolina, palavras que forem ditas com o dedo no ar”, “tem que falar um de cada vez”; “quem no fim do concurso tiver mais palavras, ganha, e quem tiver menos perde”. As crianças ficaram muito entusiasmadas, pelo que distribuí aleatoriamente as palavras que tinha preparado para cada grupo. Conteí até três e começámos o concurso.

É bem visível quem não têm consciência fonológica, pois são crianças que, por mais que tentem, não acertam nas palavras que dizem, mas acham que estão a dizer corretamente, quando se diz que está errado ficam admiradas por não estar à espera. Outras crianças conseguiram perfeitamente encontrar rimas para as palavras que lá estavam.

Considero importante realçar aspetos que observei:

Uma criança que tentou muito, mas nunca acertou, dizia sempre palavras que não faziam sentido. Nesta situação tentei que a criança ouvisse bem as duas palavras para ver se o som era o mesmo, mas fiquei sempre com a sensação de que não estava a perceber o que era pretendido.

Visto que só podia ouvir uma criança de cada vez, observei que tiveram dificuldade em aguardar pela sua vez de falar, ficando bastante inquietas.

Três ou quatro crianças que revelaram alguma frustração por não encontrarem mais palavras que rimassem e por isso disseram que tinham desistido porque não conseguiam. Expliquei que nunca se desiste e que o importante é todos contribuírem para ajudar o seu grupo no concurso e por isso o esforço é indispensável.

A maior parte das crianças não teve dificuldades em encontrar rimas, destacando-se mais ou menos cinco crianças que têm realmente boa consciência fonológica e não tiveram dificuldades em lembrar-se de palavras.

Houve uma situação em que uma criança tinha pensado numa palavra e disse-a sem ter o dedo no ar. Entretanto outra criança desse grupo levantou o dedo para a dizer esta mesma palavra. A que tinha pensado na palavra, “amuou”, pousando a cabeça sobre os braços e disse que essa palavra era a sua. Expliquei que não tinha mal o que tinha acontecido, pois era um trabalho conjunto e em grupo e todos tinham que se ajudar uns aos outros. Por outro lado, expliquei à criança que a palavra que disse, tinha sido o seu amigo a descobrir e que por isso, íamos esperar que deixasse o seu “amuo” para podermos dar continuidade ao concurso.

Quando o concurso estava a chegar ao fim, as crianças começaram a pedir pistas para mais palavras, pois era bem visível que a palavra “PÃO” estava a ganhar por uma margem bastante grande. Por exemplo para a mesa do “PINCEL” dei uma pista assim: “Quando vocês vão de férias para outro país, onde dormem normalmente? (Hotel) ”

A Educadora estava sentada na mesa da palavra “GATO”, que estava com algumas dificuldades em encontrar palavras e a Psicóloga sentada na mesa do “SOL”. Aparentemente eram os grupos que apresentavam mais dificuldades. Tanto a educadora como a professora deram pistas às mesas onde se encontravam.

A única mesa que não precisou de ajuda foi a mesa do “PÃO”, pois havia sempre crianças a ter ideias depois de pensarem um pouco. Acho também que era a palavra mais fácil de encontrar rimas de entre estas quatro.

c. Reflexão da atividade à luz do objeto de estudo

Tendo em conta o estudo realizado sobre as dificuldades e as estratégias na implementação de atividades em jardim de infância, pude concluir que, nesta atividade, as estratégias utilizadas foram as estratégias positivas, mais precisamente as pró-ativas e as de limites. As estratégias de limites estão aqui fortemente presentes na medida em que, antes de dar início à atividade foram definidas regras para a realização deste jogo, que sem elas era impossível trabalhar e criar um bom ambiente educativo para todos.

Durante a atividade foram impostas algumas estratégias pró-ativas, na medida em que tentei mediar os comportamentos das crianças e controlar alguns conflitos que surgiram com a ajuda da educadora e psicóloga da sala.

Julgo agora, neste momento de reflexão, que, por ter sido um concurso com um grupo que ganhou e outro que perdeu, deveria ter sido entregue um prémio ao vencedor, aplicando assim uma estratégia de recompensa.

Ainda assim, neste género de atividades com este grupo de crianças, são as estratégias de limites que melhor funcionam, antecipando assim o que vai acontecer, definindo as regras antes de tudo começar. Apesar das dificuldades que possam surgir durante as atividades, as crianças já sabem que só podem participar se cumprirem as regras e isso faz com que tenham já algum controle das suas atitudes.

3.2. Letras para expor na sala

a. Planificação da atividade

- **Finalidade Educativa/ Objetivos**

Para esta atividade defini também vários objetivos separados por áreas de conteúdo. Na área de conteúdo da formação pessoal e social é importante, nesta atividade, proporcionar a interação com os outros, favorecendo a autonomia da criança e do grupo. Como é uma atividade em grupo, o objetivo é fomentar a capacidade coletiva de trabalhar e assumir responsabilidade para construírem uma vivência de valores democráticos como o respeito.

No domínio das expressões, o principal objetivo é desenvolver a motricidade fina e estimular a manipulação de diferentes objetos e materiais.

No domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, é indispensável fomentar o diálogo em diferentes situações de comunicação e com isto construir um progressivo domínio da linguagem. É importante explorar o caráter lúdico ao mesmo tempo que se familiarizam com o código escrito e constroem um progressivo domínio da linguagem.

- **Procedimento**

Esta atividade vai realizar-se numa terça-feira, dia em que as crianças têm atelier de expressão plástica com a Educadora logo de manhã. Depois do atelier e do tempo de recreio, as crianças vão entrar para a sala e sentar-se nos respetivos lugares para dar início à atividade. Irei explicar o que vão fazer com uma conversa sobre as letras que já aprenderam (A,I,O e U). Como as crianças estão divididas por quatro mesas na sala, serão quatro grupos de trabalho e um grupo para cada letra.

Vou explicar às crianças que o objetivo da atividade é que as crianças procurem nas folhas de revistas e jornais que eu vou entregar, palavras e imagens que comecem pelas letras respetivas de cada grupo.

De seguida, vou distribuir tesouras e cola para a realização desta atividade. Cada palavra e imagem que encontram, podem recortar e juntá-las todas em grupo para depois colar na letra grande que se encontra no centro da mesa.

Durante a atividade vou circular pelas mesas e ajudar as crianças nas dificuldades que surgirem e nas dúvidas que possam ter, tentando ao máximo que desenvolvam a sua autonomia na resolução de problemas e por isso incentivar sempre a que façam tudo sozinhos.

Quando já todos os grupos tiverem terminado, vou pedir a um ou dois elementos de cada grupo para vir apresentar a letra ao resto da turma para que todos possam ver o que os colegas fizeram.

- **Recursos**

Material: vou fazer as letras previamente em casa, em cartão para as crianças depois colarem os seus recortes. Também irei levar revistas e jornais para que possam procurar as palavras e as imagens. Todo o restante material já se encontra em sala, como tesouras e colas.

Temporal: o tempo previsto para a realização desta atividade é de 45 minutos a uma hora.

Espacial: a atividade vai realizar-se na sala de aula.

- **Antecipação**

Algumas crianças vão ter dificuldade em encontrar palavras com a letra respetiva, mas acho que em grupo ultrapassarão esses problemas, pedindo ajuda uns aos outros e a mim também. Em relação à utilização da tesoura, algumas crianças estão mais à vontade na manipulação deste objeto para o recorte correto do que é suposto. No que diz respeito à relação das crianças em grupo, penso que não vão surgir muitos obstáculos, visto que em

todos os grupos há crianças mais maduras que conseguirão equilibrar as dificuldades das outras.

b. Descrição da atividade

A atividade no geral correu como tinha planeado. Comecei por pedir às crianças que estivessem em silêncio para que pudéssemos dar início à atividade. Mostrei as quatro letras aos grupos e expliquei o que íamos fazer com elas. Distribui aleatoriamente as letras de cartão pelas mesas dos grupos e de seguida as folhas de revistas e jornais juntamente com as tesouras para que pudessem começar a recortar as letras e as palavras que comesçassem com essa letra. As crianças mostraram-se muito entusiasmadas e revelaram interesse em trabalhar.

Durante a procura das letras e das palavras, pude observar que há crianças que tem mais facilidade de encontrar o que é pretendido e outras que demoram mais tempo a descobrir e a procurar.

A maior parte das crianças resolve com facilidade os problemas que surgem em grupo, mostrando a sua maturidade e ajudando os que sentem mais dificuldade.

O grupo que ficou com a letra A, foi o grupo que recortou mais palavras e letras, pois para além de ser um grupo com muitos elementos, a letra A está presente em muito mais palavras do que por exemplo a letra I ou U.

Quando a meio da atividade, percebemos que uns grupos estavam a ter mais “sucesso” que outros em relação à quantidade de letras e palavras que tinham para colar, a Educadora Cila deu-me a ideia de, no fim da atividade, pedir às crianças que em casa procurassem com os pais palavras e letras de vários tipos e que trouxessem para completar as letras de cartão que ficaram menos completas.

Reparei que a maior parte das crianças não tem dificuldades em utilizar a tesoura, visto que é um objeto que já usam bastantes vezes em atividades com a educadora. Por outro

lado há crianças que precisam de desenvolver mais a sua motricidade fina, pois pude observar que se atrapalham um pouco ao pegar na tesoura e a recortar o que é suposto, bem como que a colar.

No grupo da letra A, pude observar que algumas crianças destabilizaram o trabalho do grupo mas que ainda assim, por ser um grupo de crianças que mostram alguma maturidade, não houve dificuldades maiores.

No grupo da letra I, surgiram algumas dificuldades em encontrar palavras pois existem em menor quantidade. Houve um elemento deste grupo particularmente interessado em trabalhar e em ajudar os colegas que tiveram mais dificuldades. Este grupo tinha menos elementos que os restantes o que fez alguma diferença no produto final.

No grupo da letra O, foi curioso observar que as crianças só recortaram letras e não recortaram palavras. Neste grupo houve uma criança que não esteve interessada em participar na atividade, não tendo recortado nada. Assim sendo, tentei perceber o motivo e preocupei-me em motivá-la.

No grupo da letra U, houve também o problema de existirem menos palavras começadas com esta letra e por isso foi dos grupos com menos recortes. Foi um grupo bastante desorganizado, com elementos que destabilizam os restantes colegas.

Destaco uma criança que se mostrou muito interessada e cooperante que, não só encontrava as letras do seu grupo, como à medida que encontrava palavras e letras que pertenciam aos outros grupos ia entregá-las aos seus colegas para os ajudar.

É possível observar tanto algumas crianças que destabilizam os colegas, que não se encontram motivadas e que constantemente perturbam o ambiente da sala assim como crianças que querem trabalhar e cooperar nas atividades.

Durante a atividade e o trabalho em grupos, houve bastante ruído na sala, principalmente mais para o fim quando a sala estava mais desorganizada, com os papéis em cima da mesa, papéis no chão, e tudo desarrumado.

c. Reflexão sobre a atividade à luz do objeto de estudo

Nesta atividade, as dificuldades que surgiram tiveram a ver com a gestão da dinâmica da sala enquanto esta decorria. Surgiram problemas de interesse e motivação por parte de algumas crianças, talvez por falta de algum material para a realização das letras de alguns grupos. Devia ter previsto esta situação, e ter levado já alguns recortes das letras que são mais difíceis de encontrar. Visto que houve grupos bastante incompletos no final da atividade, surgiu então a ideia das crianças pedirem ajuda aos pais na medida em que em casa podiam procurar mais letras com a com a sua ajuda.

Foi utilizada a estratégia com os pais que promove o seu envolvimento nas atividades da escola, motivando assim as crianças para as aprendizagens ativas.

Deveria ter previsto toda a inquietação que houve no final da atividade e com isto ter sido definidas algumas regras no princípio. As crianças têm que ter a consciência que, arrumar o material e limpar o seu espaço de trabalho ou de brincadeira é muito importante e faz parte do seu sentido de responsabilidade. Para a maior parte deste grupo de crianças foi preciso pedir mais do que uma vez para ajudar a arrumar o material e limpar o que com a atividade estava sujo, principalmente o chão e as mesas. Segundo Ramirez (1997), o hábito da responsabilidade, face ao material (próprio e comum) tem uma componente individual e social no que diz respeito à conduta da sala: “a criança deve compreender que há de cuidar do material comum para que os outros, também, o façam e ela própria possa voltar a utilizá-lo em condições adequadas” (p.341). Este tipo de hábitos deve ser incutido desde cedo nas

crianças para que seja automático na forma como agem, principalmente porque faz parte da sua autonomia.

3.3. Bolo de Iogurte

a. Planificação da atividade

- **Finalidade educativa/ Objetivos**

Esta atividade tem como finalidade educativa, estimular as atividades de vida prática, na área de conhecimento do mundo como cozinhar. Implica que as crianças trabalhem a matemática na medida em que têm que seguir uma receita que contém medidas e diferentes quantidades de cada ingrediente. A criança, ao juntar os ingredientes, vai ter a noção de que vamos juntar dois ovos e por exemplo mais farinha que açúcar. A criança vai poder observar, manipular, e distinguir as várias características (tamanho, forma, espessura, textura, cor, etc.) de cada ingrediente, e poder observar o que acontece quando os juntamos. Seguindo uma receita, a criança vai ter a possibilidade de recolher informação com a ajuda de um adulto da sala, e estabelecer a sequência do que é pedido. Na área da formação pessoal e social é objetivo que a criança aprenda a valorizar e respeitar cada um na medida em que têm que esperar pela sua vez, prestado atenção ao que está a acontecer quando não estão a intervir diretamente.

Na área de expressão e comunicação, no domínio da linguagem oral e abordagem à escrita, é objetivo fomentar o diálogo em diferentes situações de comunicação, quando é feita conversa com as crianças e se explica os passos da atividade. É importante a exploração do carácter lúdico, visto que são as crianças que vão fazer o bolo e por em prática a receita, familiarizando-se assim com o código escrito. No domínio da matemática, as crianças vão fazer pesagens e explorar a sequência da receita.

Na área de conhecimento do mundo, é importante transmitir às crianças este tipo de saberes sociais na área da alimentação.

- **Procedimento**

A atividade vai ser antecedida por uma conversa para explicar o que iremos fazer. Vou pedir às crianças para irem lavar as mãos para dar início à atividade de culinária. Quando voltarem da casa de banho vou pedir que se sentem à volta da mesa e depois da conversa iremos começar.

Primeiro vou explicar que ingredientes vão usar e como os vamos juntar. Depois vou pedindo a algumas crianças que venham medir e pesar os ingredientes para os juntar na taça. Não sei se será possível que todas as crianças tenham um papel ativo na junção dos ingredientes mas pelo menos iremos estar sempre em conversa para que não haja crianças que se dispersem ou percam o interesse. É importante que elas observem e tenham a noção de todo o processo. Depois de juntar todos os ingredientes, o bolo vai ao forno para ser comido ao lanche. A atividade vai ser orientada por mim, que irei estar sentada também na mesa a explicar todos os passos.

- **Recursos**

Recurso Material: iogurte, ovos, farinha, açúcar, óleo, taças, colheres.

Recurso Temporal: tempo previsto para a realização desta atividade é de 30 minutos.

Recurso Espacial: a atividade vai realizar-se na sala de aula.

b. Descrição da atividade

Neste dia faltavam três crianças na sala, que fez diferença na dinâmica da sala.

Comecei por ir buscar os ingredientes à cozinha do colégio com a ajuda de uma auxiliar. Quando cheguei à sala com os ingredientes, várias crianças perceberam que íamos fazer uma atividade relacionada com a culinária: “Vamos fazer um bolo!”. De seguida, fiz uma conversa com as crianças para saber se já tinham feito bolos em casa ou até mesmo no colégio. As crianças disseram que sim, e até explicaram quais é que já tinham feito. Depois da conversa, expliquei às crianças que íamos fazer um bolo de iogurte e foi visível o entusiasmo de todos. Perguntei o que se fazia normalmente antes de começar a cozinhar para que fossem à casa de banho lavar as mãos. Pedi a quatro crianças que se não se importassem, me ajudassem a dispor as mesas de modo a que se juntassem numa só para que as crianças se sentassem à volta.

Antes de iniciarmos a atividade, mostrei todos os ingredientes que íamos usar no bolo e pedi que os identificassem. De seguida mostrei a receita que preparei para depois cada um levar para casa, e expliquei a ordem de junção dos ingredientes.

Expliquei que todos iam ajudar e intervir na atividade, mas que para que isso fosse possível, teriam que esperar pela sua vez com alguma paciência e calma. Algumas crianças não conseguem esperar e tornam-se impacientes estando sempre irrequietos no seu lugar chegando muitas vezes a perturbar os colegas. Foi então necessário pedir a algumas crianças que trocassem de lugar para ver se o barulho e a inquietação reduziam na sala.

Quando já todas as crianças tinham ido juntar algum ingrediente na taça, decidi premiar as crianças que se tinham comportado bem e pedir que viessem juntar aquilo que faltava.

Por fim, depois de estar criada a massa homogénea do bolo, colocámos na forma que a educadora ajudou a untar, para levar o bolo à cozinha do colégio.

Quando terminada a atividade as crianças foram lavar as mãos e eu dei a cada uma o papel com a receita para levarem para casa. Expliquei que agora teríamos que esperar porque o bolo ia ao forno para cozer e o comermos ao lanche.

c. Reflexão sobre a atividade à luz do objeto de estudo

Nesta atividade, utilizei principalmente estratégias de limites e pró-ativas, visto que foram definidas algumas regras no princípio e até mesmo durante a atividade. A disposição da sala e a maneira como as crianças se vão sentar para participar e dar atenção ao que se vai passar tem muita importância para que tudo corra bem. Visto que era um grupo muito grande, tive que fazer a divisão da receita para que todos participassem e também tive que os sentar de maneira a que as distrações com os colegas não existissem. Estas distrações e interações são quase impossíveis de travar, mas podem ser evitadas ao separar aquelas crianças que sabemos que vão trazer mais perturbação à atividade. Foi por isto que a meio da atividade tive que trocar algumas crianças de lugar, de modo a não ter que fazer interrupções para pedir atenção ou para participarem.

A estratégia de recompensa serviu para premiar as crianças que estiveram sempre participativas e interessadas, sem interromper e causar transtorno na atividade. Quem não repetiu a junção de ingredientes ficou triste mas eu expliquei que para a próxima, se a sua atitude mudar, também podem ser recompensados como os seus colegas foram desta vez.

Capítulo IV

A elaboração do presente relatório final referente à Prática de Ensino Supervisionada no Mestrado em Educação Pré-escolar focou o estudo, especialmente, numa problemática que emergiu no próprio estágio, a saber, as dificuldades para introduzir regras de comportamento na gestão de uma sala de pré-escolar.

A escolha do tema foi motivada pelo desafio de trabalhar durante o estágio com um grupo de crianças muito numeroso e bastante heterogéneo, também no que diz respeito aos seus comportamentos, que dificultava a implementação de atividades e principalmente a gestão da sala de aula. Certamente, o local de estágio e a educadora cooperante favoreceram muito a minha aprendizagem no modo de superar aquelas dificuldades. No entanto, convenci-me de que essas aprendizagens seriam ainda mais ricas e melhor enraizadas se aproveitasse este momento do relatório final de estágio para aprofundar o tema.

Como foi anunciado no primeiro capítulo introdutório, optei por delimitar este objeto de estudo sujeitando-me à busca de resposta para duas questões: quais são os fatores que explicam a dificuldade para introduzir regras de comportamento no jardim-de-infância e quais são as estratégias recomendadas para superar essas dificuldades.

A resposta a estas duas questões mereceu duas abordagens diferentes. Uma primeira abordagem foi de referencial teórico, que é recolhida no primeiro capítulo; a segunda procurou projetar as aprendizagens teóricas sobre quanto foi observado e praticado no próprio estágio, o que aparece recolhido no segundo e, especialmente, no terceiro capítulos.

A consulta de bibliografia foi orientada pela hipótese de considerar que a dificuldade para introduzir regras de comportamento no jardim-de-infância pudesse estar associada à falta de limites (de regras) que as crianças pudessem trazer «de casa», do próprio ambiente familiar, talvez porque um frágil entendimento do que seja a disciplina pudesse sugerir que a imposição de regras estivesse em conflito com a proximidade e o afeto próprios de relação

familiar. Opostamente, como se expõe no capítulo primeiro, a leitura realizada permitiu compreender justamente o contrário:

- Antes de mais, a disciplina é um bem indispensável (no processo de socialização da criança e na transmissão de valores) e confortável pela amável segurança que pode oferecer à criança.
- O respeito que se cria através da imposição de limites e regras enquanto lidamos diariamente com as crianças é importante na medida em que consequentemente isto conduz a uma relação de confiança e harmonia durante todo o processo de acompanhamento e aprendizagem.
- Os limites, apesar de terem que ser firmes e consistentes, podem e devem ser sempre reforçados com amor para que a criança perceba que tudo isto é para o seu bem. Muitas vezes, quem educa esquece-se disto e, assim, “a vida torna-se assim numa luta pelo poder. O afeto e o carinho perdem-se. Portanto, se aumentar os limites, aumente também o afeto. Quanto mais se der, mais se recebe” (Greenspan, 2002).

A indisciplina na sala de Jardim de Infância foi de facto, uma das maiores dificuldades que tive que ultrapassar neste estágio. Como afirmei, encontrei um grande apoio na educadora cooperante e na equipa pedagógica da instituição, que também reconheciam a dificuldade de trabalhar com aquele grupo de crianças que estavam em constante desafio aos educadores. No segundo e terceiro capítulos, tentei recolher a mensagem que me foi possível observar e atender durante o estágio, nomeadamente tudo quanto se refere à introdução de regras de comportamento e à atitude que deveria tomar nas diversas situações.

Foi certamente importante este estudo na medida em que li muito sobre a implementação de regras no Jardim de Infância para encontrar e definir as estratégias mais adequadas aos diferentes grupos de crianças.

- Entendi que as regras de comportamento são soluções estratégicas e necessárias para o bom funcionamento da sala para se criar um ambiente favorável à educação e aprendizagem das crianças.

- Compreendi que gerir um grupo grande de crianças não é tarefa fácil para um educador, principalmente quando a maior parte das crianças não tem motivação nem interesse em cooperar com ele.

- Conclui que o mais importante é transmitir o propósito de cada regra e a sua fundamentação moral ou prática; que as crianças saibam que as regras são para o seu bem;

A criança só aprende a respeitar se for igualmente respeitada, por isso, o meu trabalho de educadora centra-se no respeito pelas crianças, respeitando as suas opções, diferenças, criatividade, imaginação, levando-as assim a aprenderem a respeitar-me enquanto figura central da educação delas na escola e a respeitarem-se uns aos outros.

Durante todo o meu crescimento e desenvolvimento pessoal apercebi-me que a autonomia é também algo imprescindível para nos sentirmos bem sucedidos enquanto pessoas. Ser autónomo torna-nos capazes de enfrentar problemas, resolver as adversidades e superar qualquer obstáculo sem precisar sempre de alguém que nos suporte. Tento desenvolver esta capacidade nas crianças pelas quais sou responsável ao ensinar-lhes a ultrapassar obstáculos ou a resolver conflitos entre eles sem a minha aparente intervenção.

A autonomia desenvolve capacidades relacionadas com a auto confiança e auto estima tornando-os assim pessoas mais seguras de si e que acreditam nas suas capacidades. Aquando a imposição de regras que levam ao respeito, e a uma relação de harmonia e confiança, e da importância de ser autónomo e responsável para saber cumprir essas regras surge algo que entendo ser indispensável para o desenvolvimento sustentável do ser humano que é o espírito criativo.

Com isto, tento retirar de cada um e valorizar as suas aptidões inatas, capacidades específicas e abrir espaço para a inerente criatividade que eu acredito que todas as crianças têm e que a perde se não for explorada.

Depois de trabalhar todos estes domínios, a nível coletivo e individual, espero educar, formar e acompanhar as crianças inculcando-lhes todas estas características que considero indispensáveis pelos motivos que acima descrevi e por saber que desta forma as crianças terão não só um desenvolvimento saudável como futuramente se poderão apoiar e reger por estes valores.

Este tempo em que estive em contacto com todo este contexto educativo foi muito enriquecedor para mim, pois pude viver na prática o dia-a-dia das crianças.

Comecei a aperceber-me que à medida que ia construindo uma relação mais próxima com as crianças, mais respeito conseguia obter delas, tanto dentro da sala, como no recreio ou quando estava mais próxima deles.

Um dos meus principais objetivos no trabalho com as crianças foi transmitir-lhes todos os princípios e valores que julgo serem importantes para o seu desenvolvimento, algo que é quase inevitável, já que instruir e formar alguém leva a uma criação de laços e à necessidade de querer inculcar nas crianças aquilo que para nós importa e que faz de nós, e fará deles, pessoas melhores e bem sucedidas a nível pessoal e profissional.

- Esta relação foi bastante positiva no meu estágio, considerando-a como um dos pontos mais fortes. Cresceu positivamente à medida que as semanas iam passando, onde senti que as crianças se apoiaram muito em mim e que fui uma pessoa que eles sentiram que podiam confiar.

Visto que dou muito valor às relações pessoais, neste caso entre professor e criança, foi muito marcante para mim ver que me tornei uma pessoa importante para cada um deles.

Assim, as relações que criei na instituição também foram muito positivas na medida em que desde o princípio, toda a equipa pedagógica se mostrou visivelmente aberta à minha presença.

- Como segundo ponto forte destaco o aproveitamento dos atendimentos de estágio e das conversas informais travadas quer com a educadora cooperante quer com a restante equipa pedagógica, o que fez com que me sentisse realmente à vontade.

- O terceiro ponto forte que devo assinalar de todo o trabalho foi, a meu ver, o ter conseguido realizar quase tudo ao que me propus, ainda que com algumas dificuldades de organização e de gestão de tempo. Isto significa, no que diz respeito à realização do dossier de estágio, por um lado, que o que tinha definido como possível de realizar era, de facto, realizável, isto é, não programei nada de utópico, e por outro, que consegui cumprir realizando todas as ações na data prevista. No que diz respeito às atividades que me tinha proposto fazer com as crianças do plano de ação, sinto-me realizada, visto que as pus em prática, sempre com uma opinião positiva da educadora da sala, o que me ajudou bastante.

Perante a exigência de todo este trabalho e um significativo aumento de esforço, parece-me que o trabalho ficou bem conseguido.

No âmbito pessoal aprendi diversos conhecimentos importantes para o futuro que pretendo seguir e na generalidade dos temas tratados e abordados pela educadora.

Tenho vindo a ganhar, sem dúvida, maior experiência pessoal e humana que servirá a meu favor daqui para a frente.

Sei também que cada criança tem as suas necessidades individuais e não há comparações possíveis entre cada uma. É nas vivências do dia a dia com as crianças, que dá para entender, com o passar do tempo, as necessidades de cada um, as suas dificuldades, as suas facilidades e principalmente conhecer cada um com determinadas atitudes.

Este sentimento de satisfação durante o estágio deve-se em grande parte ao apoio dado pela educadora da sala, com quem aprendi muito sobre o contexto de jardim-de-infância e tudo o que ele implica, mas principalmente na relação que criei com aquelas crianças.

Bibliografia

- Brazelton, T.B.; (2010). O Grande Livro da Criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos; Lisboa: Editorial Presença; 12ª edição
- Brazelton, T. B., (2010). A Criança dos 3 aos 6 anos: o desenvolvimento emocional e do comportamento (5ªed.). Lisboa: Editorial Presença
- Brazelton, T. B., & Sparrow, J. D., (2010). O Método Brazelton: A Criança e a Disciplina (12ªed.). Lisboa: Editorial Presença
- Brazelton, T.B; Greenspan, S. (2002). A criança e o seu mundo: requisitos essenciais para o crescimento e aprendizagem. (6ªed) Lisboa: Editorial Presença
- Carita, A., & Fernandes, G. (1997). Indisciplina na Sala de Aula (1ªed.). Lisboa: Editorial Presença
- Livro do ano 2013/1014 do Colégio (em questão). Porto: Mário Brito Publicações
- Lopes, J.A., (2002). Problemas de Comportamento, Problemas de Aprendizagem e Problemas de “Ensinação” (2ª ed.). Coimbra: Quarteto
- Papalia, D. E., Olds, S.W., Feldman, R. D. (2001). O Mundo da Criança (8ªed). Lisboa: Mc Graw-Hill

- Ramírez, J. (1997). Enciclopédia de educação infantil: recursos para o desenvolvimento do currículo escolar: 2º v : Desenvolvimento afetivo e socialização: o meio físico e social (1ªed). Rio de Mouro: Nova Presença
- Silva, M.I.R.L; (1997). Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1ªed.); Lisboa: Ministério da Educação
- Spodek, B., (ORG). (2010). Manual de Investigação em Educação de Infancia (2ª ed.) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Tavares, J., Pereira, A.S., Gomes, A.A. (2007). Manual de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem (1ª ed.). Porto: Porto Editora
- Urra, J., (2010). O Pequeno Ditador (16ªed.). Lisboa: Esfera dos Livros
- Vale, V. (2008). “As estratégias de gestão do comportamento das crianças: perceções dos educadores de infância”. Revista Electrónica de Investigación y Docência. Nº 1, pp. 24-46. ISSN: 1989-2446